

**HOMEM DE PALAVRA:
JOEL RUFINO E A HISTÓRIA
COMO ESTRATÉGIA FICCIONAL**

Idemburgo Frazão (Unigranrio)
professorifrazao@uol.com.br

1. Introdução

Retomando o que se apresentou no resumo desse trabalho afirma-se que, de certa maneira, Joel Rufino dos Santos aproxima-se de ícones da cultura brasileira, como Zumbi, Clementina de Jesus, Carolina Maria de Jesus e Lima Barreto (até poucas décadas atrás), dentre outros, no que diz respeito ao tratamento de figuras importantes que, relegadas a segundo plano, durante longo tempo; em determinado momento, são transformados em uma espécie de mito, sem que, entretanto, se conheça, efetivamente, o motivo de terem atingido tal patamar. É interessante mencionar, também, que paira sobre essas pessoas importantes da cultura e/ou da história brasileira opiniões antagônicas a respeito de sua importância. Apenas recentemente Lima Barreto rompeu o bloqueio e vem entrando para o cânone literário brasileiro. Acresce-se a esse comentário que todos os citados são negros.

O texto aqui apresentado parte de duas hipóteses sobre a obra literária do escritor, historiador e professor de literatura, Joel Rufino dos Santos, para refletir acerca do motivo pelo qual pouco se tem estudado ou discutido academicamente sobre o “tecido” de sua obra ficcional. A primeira das hipóteses apontadas é a da “sombra do historiador, sobre o ficcionista” e se baseia no fato de que é marcante a presença de elementos históricos em suas obras. Isso, supostamente poderia pôr em segundo plano o caráter inventivo próprio da ficção. Essa ideia se embasaria no conhecimento da forte atuação de Rufino em movimentos ligados à consciência negra e à concepção da “Nova História” que, juntamente com seu mestre e compadre Nelson Werneck Sodré ajudou a disseminar. Mas tal hipótese sobre o possível “enfraquecimento” de sua potência ficcional pela aproximação de fatos comprováveis, históricos, de imediato é derrubada exatamente pela grande força que as chamadas escritas de si - biografias, cartas, diários (GOMES, 2004) – e as construções ficcionais realizadas a partir de pesquisas históricas vêm ganhando espaço na contemporaneidade. Temos um vasto campo trabalhado por ficcionistas consagrados, como, por exemplo, Ana Miranda, que criou a obra *Boca do*

Inferno uma narrativa que aproxima ficção e história, tratando da época do poeta barroco Gregório de Matos Guerra e Silviano Santiago com o seu respeitado romance *Em Liberdade*.

História e literatura jamais estiveram tão próximas e receberam tantos estudos acadêmicos sobre suas afinidades, quanto nas últimas décadas do século XX e a primeira do XXI. Fundir e confundir “verdades” é próprio da pós-modernidade, com seu ecletismo e a marcante fragmentação do cotidiano. E a tal (con) fusão proposital, como se sabe, não se dá apenas da literatura. Um bom exemplo do que aqui se diz pode ser dado na remissão aos reality-shows que infestaram as telas mundiais da virada do século XX. As instâncias da virtualidade que povoam a “vida líquida” estudada por autores como Zygmunt Bauman (2007), ratificam essa última afirmativa. Portanto, a relação íntima entre história e ficção é um fator positivo, atraente para o leitor contemporâneo. E realmente assim o é. Então, ratifica-se, a hipótese se dilui rapidamente.

Em termos gerais, pode-se afirmar, após a leitura do que se apresentou no parágrafo anterior, que a hipótese relativa à “sombra da história” como fator dificultador da percepção da capacidade ficcional de Rufino dos Santos pelos estudiosos da literatura se mostra extremamente vulnerável, a não ser que se imputasse maior peso à militância do autor no campo da consciência negra e suas opiniões sobre a relação entre os intelectuais e os pobres. É importante mencionar que a palavra “pobre”, aqui utilizada, justifica-se ainda mais, pelo fato de Joel Rufino usá-la, em lugar de expressões um tanto eufemísticas (outras vezes, nem tanto), como “camadas populares”, “menos favorecidos”, “classes baixas”. Podem-se encontrar inúmeras citações, na obra rufiniana, em que a palavra “pobre” é utilizada de forma clara e direta, como ocorre já no título de uma de suas obras, *Épuras do Social: Como Podem os Intelectuais Trabalhar para os Pobres*. (SANTOS, 2004)

Já a segunda hipótese comentada, funda-se no fato de que a maioria dos prêmios recebidos por Joel Rufino dos Santos se relaciona aos textos dirigidos ao público infantil. A base da hipótese, como se vê, estaria na forte relutância (consciente ou inconsciente) de muitos estudiosos de elevar a literatura para crianças à mesma categoria da literatura não dirigida a elas. Um reforço para essa afirmativa está no fato de Monteiro Lobato ainda não ter se tornado um escritor canônico por suas obras para o público infantil. Salvo exceções, os críticos literários dão mais ênfase ao Lobato intelectual, jornalista, excêntrico, polêmico, que ao lobato ficcionista. A problemática estaria centrada, no caso, não na obra de Rufino,

mas na ausência de “status” da própria literatura infantil. Entretanto, também essa hipótese pode ser relativizada pelo fato de que várias obras infantis deram ao autor prêmios importantes, como o Jabuti – e Joel recebeu mais de um desses prêmios. Como se pode perceber, aponta-se, nesse momento, para o fato de que a questão que gera as hipóteses aventadas não está na relação público-autor e sim, no binômio autor-estudos acadêmicos. Outras hipóteses poderiam ser construídas, mas o que importa, aqui, é inverter a problemática, mostrando como a história – incluindo a inserção que, muitas vezes o autor faz, em obras acadêmicas, de elementos biográficos -, ao invés de ofuscar sua ficção, a eleva.

A primeira parte do título dessa palestra, que pode soar um tanto bombástica – *Homem de Palavra* –, aponta para a base da biografia, da vida acadêmica, política e ficcional do autor, e é, propositadamente, polissêmica. Isso se justifica, pelo fato de que Joel mantém firmemente sua postura, relativa a algumas questões centrais que o acompanham durante toda a carreira, como a da demonstração da importância da cultura popular, da luta contra o preconceito racial, da reflexão sobre a relação entre os intelectuais e os pobres. É, portanto, um homem e um profissional “de” e “da” palavra. É a palavra que o sustenta, em vários sentidos desse verbo. Sua ficção está pejada de história. Sua história se reflete e reflete ficção. É um contador da história que faz de biografias, enredos e, do cotidiano, narrativa – que deve ser sempre (re)interpretada. Dissociar memória de ficção ou literatura de história, na leitura de obras de Rufino, muitas vezes, é cortar a seiva que se produz exatamente na raiz, das letras, na palavra, que não apenas mantém a obra e a carreira, como o próprio homem, Joel Rufino dos Santos vivos.

O trabalho que aqui se desenvolve parte dessas reflexões, intendendo, apontar para a capacidade criativa de Rufino de trabalhar a palavra, transformar cotidiano em ficção e, simultaneamente fazer com que se reflita sobre a história, mas não neutralizando a ficção. Ao contrário faz de seus toques “poiéticos” um farol que ilumina caminhos, mas não os define, fecha ou conclui. Faz com que se reflita e não que se aceite passivamente o que diz.

2. *O presente de Rufino*

O Presente de Ossanha, de Joel Rufino, é uma das obras que permitem a percepção da maneira como o autor de *Zumbi* utiliza seus estudos sobre a história, principalmente acerca da herança cultural africana

e os transforma em um dos elementos mais importantes de suas estratégias ficcionais (Cf. FRAZÃO, 2013). Grande parte da obra de ficção de Joel Rufino, com destaque para os textos dedicados ao público infanto-juvenil, apresenta-se como importante núcleo de estudos sobre a memória e as identidades, além de permitir que se discuta a existência, na atualidade, de um campo importante dos estudos literários centrado na relação das obras literárias com o cotidiano e com a história. A memória, no caso da obra rufiniana, funciona como elemento de construção ficcional. No que tange à obra de Rufino dos Santos para crianças, esta prima pela utilização da história (da memória), como afirmado anteriormente, como mecanismo de construção ficcional. Historiador, escritor, professor de Literatura, Joel Rufino dos Santos, que nasceu em 1941, quando menino era um leitor inveterado e começou a escrever para o público infantil em 1970. Como um “grito”, mas utilizando-se da palavra escrita, o autor elabora histórias baseando-se no que ouvia da avó. Dessa relação com a memória, foram criadas obras sobre o folclore brasileiro. Em 2002 e 2004 foi indicado ao Hans Christian Anderson, o mais importante prêmio internacional de literatura infantojuvenil. (SANTOS, 2011)

O eixo da obra *O Presente de Ossanha* está centrado nas atitudes de um menino escravo que recebe de presente, de Ossanha, um Orixá africano, um visgo com o qual captura um pássaro mágico, o Cora. Trata-se de um passarinho possuidor de características incomuns, que passa a ser almejado por um senhor do engenho. Joel aproxima o mito (e/ou instâncias da tradição religiosa africana) de questões do cotidiano contemporâneo. Ossanha é egoísta, guardou para si todas as plantas do universo. Percebe-se que as atitudes desse orixá não são tratadas com condescendência. A justiça é aplicada, também no seu caso. Outras entidades surgem para corrigir o erro de Ossanha e castigá-lo por sua atitude. Xangô, outro orixá, representante da justiça, passa a Iansã, responsável pelos ventos, a incumbência de devolver as plantas à natureza, para que todos os viventes pudessem usufruir de suas benesses. Assim, Iansã fez, utilizando a força dos ventos, com que as plantas se espalhassem pelo universo.

Vê-se, através desse rápido comentário sobre *O Presente de Ossanha*, que o autor, através do narrador, trabalha com inúmeros problemas cotidianos importantes, como o problema do egoísmo, das diferenças entre as raças, o preconceito que ultrapassa a época escravagista e chega aos dias de hoje. O personagem Ricardo e seu pai, rico senhor de engenho, poderiam retribuir a gentileza do moleque, libertando-o, pois o

pequeno escravo deixa o pássaro para o amigo que estava doente. Mas isso não se dá. Tal ato não encontraria base na verossimilhança, instância básica da construção ficcional. O dono do engenho, pai de Ricardo ameaçou o menino negro, afirmando: “Se não me vender esse passarinho, te arranco a pele! O moleque sorria com o canto dos lábios” (SANTOS, 2006, p. 12)

Como o pássaro só cantava sob a orientação de seu pequeno dono, ele foi castigado. O rico proprietário cumpre a ameaça, vendendo o menino negro a um fazendeiro de terras distantes. Finalizando a história, o narrador apresenta uma passagem simultaneamente lírica e crítica. Como uma espécie de lição, ou ponto de partida para a mesma, há um final inesperado. Ao invés da vingança, o menino cativo deixa o pássaro para Ricardo. (SANTOS, 2006, p. 14) O negro, seguindo a lei literária da verossimilhança, tinha que receber punições por contrariar as ordens de seu dono. E é o que ocorre. Mas a decisão de não levar o pássaro com ele, que contrapõe a generosidade ao autoritarismo e à dominação, é um dado ficcional marcante.

A história de *O Presente de Ossanha* é criada por uma imaginação que atrai os leitores, no caso, leitores mirins, não pelo fator histórico, pelos ensinamentos, mas pela trama, pela maneira como transforma o pássaro que encanta as pessoas com seu canto em núcleo de uma história que tem na relação de amizade entre dois meninos, sua base. O que dá à narrativa maior impacto é o fato de que o esperável não ocorre. A atitude do pequeno escravo, ao deixar o pássaro para o amigo, provoca maior reflexão do que se, como esperaria qualquer leitor, levasse seu tesouro, o pássaro, consigo. Tal reflexão aponta para a presença de outro tesouro, ou seja, para algo que está além do ter, no possuir, no caso o pássaro valioso. A questão passa a outro patamar, o do ser. Não é o “ter” que está em questão, subliminarmente, mas o “ser”. Está na capacidade de se dominar, de ter poder sobre si mesmo a chave do enredo. O conhecimento histórico irá aumentar a potência dessa percepção, mas a “poiesis”, a criatividade do autor é que gera toda essa possibilidade. Em sentido amplo, poder-se-ia dizer que a proposta de leitura aqui explicitada baseia-se em uma filosofia de base sociológica. Ser, perceber o que se é, mesmo em condições precárias, pode tornar-se um fator revolucionário, pelo menos em termos pessoais. Mas a ampliação dessa revolução perceptiva, pode, também, vir a modificar a própria maneira de se lidar com o preconceito. Rufino cria uma narrativa repleta de elementos que extrai de seus conhecimentos sobre a história, mas as linhas de seu texto, se se enlaçam aos

da história, são tecidas a partir de estratégias ficcionais que, ao invés de olvidá-las, esquecê-las, as transformam em argamassa. Não é o conhecimento histórico que está em primeiro plano, mas este também não é um mero pano de fundo. Ao enredar-se na trama ficcional, o leitor prende-se no visgo da história da tradição africana, que, como Ossanha, Joel dá de presente aos seus leitores.

Em um outro texto ficcional para crianças, *Pirilampeia e os Dois Meninos de Tatipurum*, Joel Rufino faz com que se refletia sobre outros hábitos cotidianos. Dois meninos, que sempre julgam estar certos, permitem que perceba o quanto o simbólico ilumina pontos que geralmente não se percebe ou não se quer perceber nas relações humanas. Cada menino achava (ou tinha certeza) de que o outro estava errado. Os meninos de Tatipurum são antagonônicos, têm dificuldade para se colocar no lugar do outro. O autor cria dois personagens que são chamados a partir de formas generalizadas, comuns na conversa cotidiana, portanto, denominações de qualquer ser humano. Os dois meninos habitam Tatipurum, um planeta redondo, que, no início, era menos chato, mas fica pior, pois os personagens não tinham muito o que fazer. (SANTOS, 2009, p. 6) Fulaninho soprava formigas no espaço e Sicraninho cuspiam à distância. Sem ter algo útil a fazer, encontraram distração: brigar, implicar com alguém. Sicraninho afirmava que fulaninho estava de cabeça para baixo, enquanto fulaninho replicava. (SANTOS, 2009, p. 10) O outro sempre está errado, nessa lógica de Tatipurum. Enraivecidos, os meninos partem para a agressão oral, tentando comprovar que estavam, cada um a seu tempo, certos. Fulaninho plantou um pé de jamelão para mostrar que se o mesmo crescia era porque quem estava de cabeça para baixo era o outro. Sicraninho, por sua vez, mostrava que seus balões subiam, assim, era o outro quem estava sem razão. (SANTOS, 2009) Surge como árbitro, uma espécie de fada chamada iluminada, a Pirilampeia, habitante do planeta Pirilampeu, também denominado Melazul. (SANTOS, 2009, p. 21)

Para acabar com as discussões dos dois meninos exaltados, a fada vaga-lume iluminou o caminho, mostrando que o problema dos dois pequenos inimigos estava na ignorância. O problema dos meninos foi sanado quando Fulaninho e Sicraninho tomaram um o lugar do outro. Sentindo-se no lugar do outro, como aponta essa obra, os cidadãos de boa vontade podem perceber o tamanho de sua ignorância e como, muitas vezes se pode conseguir atingir melhor as próprias metas com a anuência e, mais ainda, o auxílio dos outros. O caminho começa na liberdade. E o mal – o pré-conceito – indica Rufino, é o resultado da ignorância. O pla-

neta Terra é azul, assim como o mel de pirilampeu. Os ignorantes, seguindo a linha reflexiva possibilitada pela linguagem alegórica, são todos meninos de Tatipurum, precisam de educação, de orientação para não seguirem os passos da mesmice, de um planeta chato. Os meninos de Tatipurum representam todos seres humanos, que precisam aprender a ficar no lugar do outro, para saber melhor o que é bom e o que é efetivamente ruim, para todos.

A base “poiética” está na contraposição de atitudes no posicionamento do sujeito. O ponto de vista era a questão. Mas para mudar o ponto de vista, é preciso que haja consciência das atitudes, vontade de aprender e/ou mudar e compreensão dos problemas dos outros. A argamassa desse texto produzido mais diretamente ao público infantil, é, entretanto uma temática básica das relações humanas. Novamente se pode afirmar, que uma das preocupações mais fortes de Joel Rufino, a do preconceito, está sendo problematizada, com sutileza. Ao tomar conhecimento da posição do outro, em sociedade, pode-se, mesmo que a muito longo prazo, entender que tal percepção pode vir a reduzir inúmeros atritos humanos. A humanidade sofre pela ignorância da posição do outro. Todos querem, sempre e invariavelmente, estar certos. O narrador, como Pirilampeia, faz com que o leitor pense nessa alegoria montada em um planeta imaginário bem aos moldes de um *Pequeno Príncipe* ou de um *Menino do Dedo Verde*, por que não? Só ao perceber que o outro (e/ou o lugar que habita) também possui seus encantos, os meninos passaram a “com-viver”, a viver em paz.

3. Conclusão

Como se pode perceber, a partir do que se afirmou no desenvolvimento desse artigo, tanto na alegoria dos meninos de Tatipurum quanto no conto crítico, sem fadas, mas com orixás chamado *O Presente de Ossanha*, a tessitura se realiza com os fios da ficção. Mas os fios da imaginação se entrelaçam com os da história, da filosofia, da sociologia. E aí está a riqueza do texto ficcional rufiniano. Há mais ficção, quanto mais os fios se tecem com elementos da vida cotidiana e da magia que nasce das relações sociais. O texto final, a obra ficcional de Joel Rufino, reforça o eixo do título desse artigo. Ratifica-se, a palavra é a razão da ficção e da vida, não apenas enquanto veículo básico da comunicação, mas como fundamento de sempre necessárias mudanças.

Como esse artigo não intenta concluir, encerrar discussões ou hipóteses, transforma-se, nesse momento em mais um fio para destecer supostas verdades e/ou preconceitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. *Vida líquida*. Trad.: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FRAZÃO, Idemburgo. Literatura infantil e juvenil, memória e identidade: Um estudo da obra infanto-juvenil, de Joel Rufino. *Revista Eletrônica UNIABEU*, vol. 6, n. 13, 2013. Disponível em:

<<http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RU/article/view/1055>>.

Acesso em: 25-08-2013.

GOMES, Ângela de Castro. (Org.). *Escritas de si escritas da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad.: Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social*. Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global, 2004.

_____. *O presente de Ossanha*. São Paulo: Global, 2006.

_____. *A Pirlampeia e os dois meninos de Tatipurum*. São Paulo: Ática, 2009.